[1]**ÁREA TEMÁTICA:**

( ) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
(X) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
( ) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA PERSPECTIVA TEXTUAL INTERATIVA

FERREIRA, Camyla Aparecida Mello[1]
RAUPP, Eliane Santos[2]

RESUMO - Partindo do pressuposto de que para escrever é preciso primeiramente ter passado por um processo de leitura, a pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância e a relação entre a leitura e a produção textual, verificar quais as dificuldades dos alunos do ensino médio e também as dificuldades enfrentadas por eles ao ingressarem na Universidade. A realização de um trabalho adequado com a leitura e a produção textual no ensino médio, compreendendo-as como práticas de letramento cujos aspectos cognitivos, sociais e discursivos estão envolvidos, faz com que os alunos percebam que são capazes de analisar criticamente os fatos que ocorrem na sociedade, de argumentar sobre qualquer assunto, tornando-se assim sujeitos leitores/produtores de textos, ativos na sociedade. O presente trabalho - integrante do Projeto de Extensão *Grupo de Estudos do Texto* – GETE, vinculado ao Laboratório de Estudos de Texto – LET, Lotado no Departamento de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa – baseia-se nos teóricos que discutem a questão de leitura e produção textual como práticas sóciocognitivas e interativas.

Palavras chave: Ensino. Leitura. Produção textual.

Introdução

Desde 1980, discute-se uma “reformulação” no ensino de língua portuguesa, mas, apesar dessa discussão, observa-se uma grande dificuldade dos alunos que estão no ensino médio em escreverem textos devidamente elaborados e consistentes, utilizando elementos necessários para conferir coerência ao texto. A escola tem ensinado os seus alunos a fazerem redações, normalmente dissertativas, utilizadas somente para fins de ingresso em uma instituição de nível superior. Tendo como norte as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs) de língua portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais e alguns autores que refletem sobre a questão da leitura e da produção textual na perspectiva sociocognitiva e interativa, busca-se refletir acerca das práticas de leitura e produção textual, entendendo-as como eventos de letramento necessários para a constituição de sujeitos

[1] Graduanda do curso de Letras Português/Inglês na Universidade Estadual de Ponta Grossa, bolsista Fundação Araucária – camy-mello@hotmail.com
[2] Mestre em Letras, professora orientadora e extensionista da Universidade Estadual de Ponta Grossa – elianesrpp@uepg.br

leitores/produtores de diferentes linguagens.

Segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais, o exercício da escrita “leva em conta a relação entre uso e aprendizado da língua, sob a premissa de que o texto é um elo de interação social e de gêneros discursivos são construções coletivas” (op. Cit., p. 68). Nesse sentido, “usamos um texto sempre para atuar, agir no mundo” (op. Cit., p. 68). Usamos a escrita para convencer, negar, agir na sociedade, enfim, marcar uma posição nesse mundo. Partindo do pressuposto de que a escrita é esse elo de interação entre os sujeitos, o professor em sala de aula deve mostrar ao aluno que, para elaborar um texto, não é preciso apenas colocar palavras no papel, mas, sim, organizá-las de uma maneira que o seu interlocutor possa compreendê-lo. (PARANÁ, 2008, p. 68).Segundo Pécora (1983, p.68, citado por PARANÁ, 2008, p.69), o aluno, muitas vezes, por não saber *para que* ou *para quem* escrever, acaba utilizando a chamada "estratégia de preenchimento", preenche as linhas, mas não produz um texto. (PRANÁ, 2008, p. 68)

De acordo com as DCEs, existem várias estratégias para se evitar que o aluno “escreva para ninguém”; o professor pode, por exemplo, propor a exposição dos textos dos alunos em um mural, publicar os textos no jornal da escola ou criar um jornal, caso a escola não tenha um, a produção de panfletos, de propagandas, entre outros.

Existem várias maneiras de conduzir o aluno à percepção da relação dialógica entre texto/ autor e leitor. O interlocutor necessita compreender o que o autor aponta em seu texto, mas, se o texto não for claro e coeso, o leitor poderá interpretá-lo erroneamente ou nem conseguir efetivamente interpretá-lo.

A esse respeito, Jurado e Rojo (2006) afirmam que os textos não tem sentido em si mesmos, mas na sua relação com os seus interlocutores, quando entendidos como processos discursivos situados em um contexto econômico, social e político. Essa concepção deve direcionar as práticas de leitura e de escrita na escola e em todas as disciplinas; por essa razão, as autoras apresentam uma proposta de organização curricular caracterizada pela não fragmentação das disciplinas.

Parece certo que inabilidades docentes resultam em inabilidades discentes quando se trata de leitura e produção textual, afirma Cerutti-Rizzatti (2008). Para que possamos mediar a formação de leitores e produtores de textos, precisamos criar primeiramente em nós o hábito e a compreensão dos processos de leitura, interpretação e produção de textos.

Koch e Travaglia (1998) também contribuem para as discussões voltadas para a leitura e a produção textual. Sugerem a adoção de uma perspectiva textual-interativa, já que os textos são o meio pelo qual a língua funciona. Tal perspectiva proporciona ao aluno o conhecimento necessário para que possa compreender e interagir com os mais variados textos.

Os autores deixam bem claro que não estão propondo um vale-tudo textual, mas uma perspectiva de análise da organização, sistematização e funcionamento dos textos, a fim de possibilitar ao aluno o conhecimento dos elementos gramaticais, lexicais, semânticos e morfossintáticos da língua.

Os alunos deveriam ler/analisar e escrever/produzir textos. Nessa direção, as redações escolares deveriam ser denominadas de produção textual, como afirma Antunes (2009), pois, sob o rótulo de redação, o texto perde sua especificidade, transformando-se em uma fórmula, um método. Um texto é um produto que resulta de um processo, que foi, portanto, produzido por alguém, para alguém, com alguma intenção.

O professor precisa mostrar essa relação para os alunos de uma maneira que todos compreendam. Pode, por exemplo, pedir aos alunos que leiam um texto produzido pelo professor, para que eles mesmos tentem entender a ideia que o autor, no caso o professor, transmitiu em seu texto, também pode-se fazer o inverso. O professor cumpre, assim, o papel essencial e indispensável de mediador e essa mediação deve garantir que os alunos tenham condições, suporte, para elaborarem seus textos da maneira mais adequada possível, fazendo o aluno buscar o conhecimento e não entregá-lo pronto e acabado.

São por meio das leituras propostas pelo professor e também daquelas realizadas no cotidiano não escolar, sobre qualquer assunto e em qualquer veículo de comunicação, que os alunos terão condições de ampliar seu vocabulário, suas perspectivas, opiniões, visões e concepções, pois a

leitura permite a apreensão de informações e o entendimento de como os textos se organizam.

Objetivos

- Analisar como a leitura e a produção textual são abordadas nas escolas.
- Verificar (refletir) sobre as dificuldades encontradas pelos alunos para compreenderem e produzirem textos.
- Refletir sobre a influência da leitura e produção textual na realidade social dos alunos.

Metodologia

Primeiramente foram realizadas leituras de teóricos que refletem sobre o tema da pesquisa, a concepção de ensino de língua, leitura e produção textual. Também foram realizadas discussões em encontros com os membros do Grupo de Estudos do Texto. As próximas etapas serão realizadas da seguinte maneira:

- Recolhimento de dados na turma do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino e nos primeiros anos do curso de letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Realização de entrevistas com 15 alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino.
- Intervenção por meio da oficina de leitura e produção de texto.
- Análise das redações produzidas pelos alunos que irão participar da intervenção com o objetivo de observar qual seu desenvolvimento após a realização da intervenção.
- Observação de uma turma de 1◦ ano do Curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Entrevista com os alunos dos 1º anos do Curso de Letras.

Resultados

O trabalho encontra-se no momento na fase de coleta de dados. Com as discussões realizadas no GETE – Grupo de Estudo de Textos - tem-se uma visão dialógica da língua, ela não é estática, sem função e sem vida. No texto “Marxismo e filosofia da linguagem”, Bakhtin (1981), afirma que a língua não é apenas um sistema de normas fixas, pois a compreensão dos textos não se dá somente através dos signos, mas também através dos sentidos atribuídos a eles. Uma palavra pode conter vários sentidos, depende do contexto em que está situada e do sentido que o leitor, ouvinte, receptor dessa mensagem atribui a ela. Antunes (2009) afirma que ainda vivenciamos a concepção de língua como um sistema abstrato, virtual apenas, despregado dos contextos de uso, sem pés e sem face, sem vida e sem alma, inodora, insípida e incolor. Para que uma mudança ocorra faz-se necessário primeiramente uma formação adequada para os futuros professores e a formação continuada para aqueles que já são graduados, depois esses professores devem levar para sala de aula essa concepção de língua viva, dentro de um contexto real para os alunos. Nessa perspectiva, a leitura torna-se imprescindível, tudo o que os alunos leem no cotidiano faz diferença na hora de produzirem um texto. Dentro dessa concepção espera-se que o aluno amplie seu conhecimento, não apenas o conhecimento gramatical, mas também seu conhecimento de mundo, para que compreenda os discursos da sociedade em que vive, saiba analisá-los criticamente e interfira nela para melhorá-la.

Conclusões

Pode-se constatar até o momento a importância das discussões e leituras propiciadas pelo Projeto de Extensão – GETE – Grupo de Estudos de Textos que, vinculado ao Laboratório de Estudos do Texto, configura-se em espaço de discussões acadêmicas e profissionais e de construção de conhecimentos. Percebe-se na prática, a necessidade de constituição de sujeitos

leitores/produtores de textos. Os participantes do GETE tem desenvolvido suas próprias capacidades leitoras e produtoras, por meio das reflexões que são feitas no Projeto.

Nesse contexto, foram motivados a refletir sobre a realidade educacional e a buscar soluções para os problemas de ensino-aprendizagem encontrados.

Em relação ao tema da pesquisa apresentado neste trabalho, as conclusões ainda não são possíveis, uma vez que as entrevistas não estão concluídas nem a intervenção escolar, esta prevista para uma etapa posterior às observações do ambiente escolar.

Referências

ANTUNES, I. A. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEE, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Editora Hucitec. São Paulo, 1981.

BRITTO, L. P. L.. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: **Trabalhos em lingüística aplicada**. 2. Campinas: Unicamp/Funcamp, 1983.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E. **Implicações metodológicas do processo de formação do leitor e do produtor de textos na escola.** Belo Horizonte. Educação em revista, nº47, 2008.

GERALDI, João Wanderley**. Portos de Passagem.** Martins Fontes: São Paulo, 1997.

GREGOLIN, M. do R.. O que quer o que pode esta língua? In: CORREA, D. A. (Org.). **A relevância social da linguística:** linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, p. 51-78., 2007.

JURADO, S.; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz?. In: BUNZEN, C., MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. Coerência e ensino. In: KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. Ed. 8. São Paulo: Contexto, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais**. Língua Portuguesa, ensino fundamental; Curitiba, 2008.

RAUPP, E. S. **Língua Portuguesa 2**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2009.